

## Memória, história nacional e espacialidade em *Grande sertão: veredas*

Prof. Ms. Jaqueline Koehler<sup>1</sup> (FARESC)

### Resumo:

*Grande sertão: veredas*, romance de João Guimarães Rosa, representa a realidade sertaneja. A narração memorialística de Riobaldo é sua reflexão a respeito de todo contexto sócio-econômico, cultural e histórico no qual a personagem está inserida, que se configura, como ele próprio afirma, sendo o sertão “como forma de pensamento” específica, que representa toda sua força argumentativa e reflexiva a respeito da realidade. Desta forma, estudar e analisar a mobilidade espacial do texto, articulada a uma leitura ética presente no mesmo, possibilita uma reflexão a respeito da mobilidade social e cultural presente na obra, principalmente no embate entre as espacialidades urbanas e sertanejas. Através de sua narrativa, Riobaldo descreve e analisa todo o espaço e o contexto social no qual está (ou esteve) inserido, tornando a obra não somente regionalista, mas possibilitando uma leitura mais ampla, de reflexão nacional.

**Palavras-chave:** João Guimarães Rosa, espaço, memória, história.

## 1 Introdução

*Grande sertão: veredas*, romance de João Guimarães Rosa, lançado em 1956, possui como um dos principais elementos a presença do espaço. Este se mostra presente já na escolha do título, em que se contrapõem duas espacialidades que são típicas do cerrado brasileiro, cenário do romance. Rosa empreendeu em 1952 uma famosa viagem pelo sertão, retratada na Revista O Cruzeiro, em que colheu informações importantes para a escrita do texto. Em uma das cadernetas de anotações do autor, disponíveis para consulta no Instituto de Estudos Brasileiros na Universidade de São Paulo, encontra-se uma frase de destaque, escrita durante a famosa viagem: “O gado amassa o capim orvalhado, o espaço cheira”. Este comentário mostra claramente a consciência do autor na percepção do espaço à sua volta, tal como fará com o protagonista Riobaldo, que mostra esta mesma consciência na construção de sua narrativa.

## 2 Percepção do espaço e construção da memória

O espaço é uma categoria que contribui para a análise do texto literário de modo a dialogar com outros elementos pertencentes à sua construção, e que possibilita ampliar as variantes de leitura de uma obra. De acordo com María Teresa Zubiaurre:

El espacio, entendido em su forma más sencilla como el escenario geográfico y social donde tiene lugar la acción, no se reduce a una categoría aislada, temática o referente al contenido, ni a un simple mecanismo estilístico que instaura la simultaneidad narrativa y paraliza el transcurso cronológico. Es, antes que nada, parte fundamental de la estructura narrativa, elemento dinámico y significativo que se habla en estrecha relación con los demás componentes del texto. (ZUBIAURRE, 2000. p. 20)<sup>1</sup>.

Nesta visão, fica clara a ideia de que o espaço ganha sentido ao se relacionar com os outros elementos constitutivos do texto. No caso do romance de Rosa, o espaço está em evidência durante toda a narrativa, pois tudo o que ocorre no enredo é situado em sua especificidade geográfica,

---

<sup>1</sup> “O espaço, entendido em sua forma mais sensível como cenário geográfico e social, onde tem lugar a ação, não se reduz a uma categoria isolada, temática ou referente ao conteúdo, nem a um simples mecanismo estilístico que instaura a simultaneidade narrativa e paralisa o transcurso cronológico. É, antes de mais nada, parte fundamental da estrutura narrativa, elemento dinâmico e com significado, que fala em estreita relação com os demais componentes do texto”.

indicada nominalmente pelo narrador. Além disso, Riobaldo questiona em vários momentos o que é o sertão, e que muitos acreditam que este não mais existe. De acordo com o texto:

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e de Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos... (ROSA, 1956. p. 9)

Estas elucubrações do narrador mostram sua preocupação em compreender e apreender a paisagem à sua volta, principalmente tendo em vista a forte influência da cidade que começa a modificar e influenciar na constituição do espaço sertanejo.

Riobaldo acaba por se valer de elementos ligados ao espaço para criar referências, que muitas vezes contribuem para a estrutura de sua narrativa. Um exemplo é a Fazenda Santa Catarina, neste local o protagonista conhece Otacília, sua futura esposa, e também vê a fúria ciumenta do amigo Reinaldo. Como na fazenda o bando é bem recebido e passa dias tranquilos, além do flerte de Riobaldo com a filha do proprietário das terras, sempre que se recorda em sua narração deste local, o discurso retoma as lembranças e o tom do que é contado é de nostalgia e saudade.

De outro modo, Diadorim também impulsiona o narrador a lembranças espaciais, principalmente da apreensão da natureza. É somente depois de conhecer o amigo que Riobaldo passa a conhecer e reconhecer a natureza à sua volta, e com isso, as lembranças relacionadas a ele perpassam informações ligadas a esta natureza. Diadorim contribui para uma espécie de processo formador de sensibilidade de Riobaldo, pois ao mostrar a natureza ao amigo, faz com que aprenda a olhar para a realidade à sua volta de modo diferente, aprendendo a observar e admirar a paisagem e os animais que pertencem a ela. Ele a descreve, já no primeiro encontro, na travessia do Rio São Francisco: “O vacilo da canoa me dava um aumentante receio. Olhei: aqueles esmerados esmertes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma, que até me repassasse” (ROSA, 1956. p. 104). Aqui, fica evidente a relação de Reinaldo com a natureza, e como se mistura a ela.

Com isto, é possível perceber como o espaço dialoga com a maneira com que a personagem irá se colocar nele e o perceber e apreender, como afirma Soethe:

(...) entenderemos por espaço em literatura não a dimensão “concreta” do texto, nem a representação imitativa e pretensamente neutra do espaço físico tal como percebido no mundo real, mas sim o discurso sobre a percepção do entorno na situação específica de sujeitos ficcionais, e sobre o sentido atribuído e essa percepção, no contexto das relações das personagens nas obras em particular. (SOETHE, 1999. p.20).

A definição apresentada mostra a importância da percepção do entorno pela personagem, ligada a uma visão do *ethos* discursivo que a mesma apresenta a respeito do que se encontra à sua volta. Soethe retoma em seu trabalho o sentido do *ethos* como espaço partilhado e habitat natural, possibilitando um sentido maior àquilo que a personagem apreende de seu entorno, e que apresenta através de seu discurso. Riobaldo, é o narrador do romance, com isso, sua percepção do entorno se torna muito mais evidente, pois tudo o que conta passa por seus pontos de vista e por seu juízo de valor. Um exemplo é quando chega ao acampamento do Hermógenes: “Assim ao feito quando logo que desapeamos no acampo do Hermógenes; e quando! Ah, lá era um cafarnaúm. Moxinife de más gentes, tudo na deslei da jagunçagem bargada. (...) A lá chegamos num de-tardinha. Às primeiras horas, conferi que era o inferno. Aí, com três dias, me acostumei.” (ROSA, 1956. p. 158).

Essa visão do acampamento como inferno é também reflexo da maneira como Hermógenes é visto por Riobaldo, sempre associando-o ao diabo, com isto o espaço que o chefe ocupa é comparado ao inferno. O lugar tem como qualidades a ausência da lei, e a desordem ou tumulto,

“um cafarnaúm”. Outra característica que o espaço apresenta é a miscelânea de jagunços, como se do inferno tudo pudesse fazer parte. Para Hermógenes qualquer um que seja esperto e não se deixe capturar facilmente pode ser aceito no bando. É para o narrador a própria imagem do inferno, já que até esse momento não tinha convivido com jagunços com o perfil de bandidos e foras-da-lei. Ao mesmo tempo, não deixa de ser irônico que afirme que em três dias já estava acostumado, ele próprio um jagunço que admite em vários momentos que não tem como característica predominante a coragem.

Com isto, a percepção do espaço, como elemento com grande dicção dentro do romance, torna-se fundamental para a análise do texto. O narrador velho, ao se recordar da primeira vez que viu um bando de jagunços em sua vida, quando menino na fazenda de Selorico Mendes, relata:

A gente se encostava no frio, escutava o orvalho, o mato cheio de cheiroso, estalinho de estrelas, o deduzir dos grilos e a cavallhada a peso. Dava o raiar, entreluz da aurora, quando o céu branquece. Ao o ar indo ficando cinzento, o formar daqueles cavaleiros, escorrido, se divisava. E o senhor me desculpe, de estar retrasando em tantas minudências. Mas até hoje eu represento em meus olhos aquela hora, tudo tão bom; e, o que é, é saudade. (ROSA, 1956. p. 119)

A apreensão do espaço se confunde com as sensações do menino, e com a nostalgia da lembrança. A consciência espacial do momento é evidente: Riobaldo descreve a sensação física que teve na ocasião que se mistura com a visão do bando, dos “cavaleiros“, que se mostra como saudade, mas que parece ser possível somente pela reconstituição do espaço da fazenda e da natureza à sua volta. Com isto, é possível perceber por que para o narrador o sertão é como uma forma de pensamento, pois na impossibilidade de definição deste espaço, são as lembranças e o modo como consegue lembrá-lo e apreendê-lo que o caracteriza.

Como Riobaldo é o narrador, tudo o que está no romance faz parte do seu discurso, e tudo o que conta é o seu processo de rememoração. A personagem afirma: “O que me lembro, tenho.” (ROSA, 1956. p. 188) e “Me alembro, meu é.” (ROSA, 1956. p. 303). O romance nos traz paralelamente à percepção do espaço, a memória da personagem e são os dois juntos que constroem toda a história e estrutura do romance.

### **3 Espaço, memória e história**

O processo memorialístico de Riobaldo dialoga com o contexto histórico do romance. Rosa lança o livro em 1956, mas situa a história na República Velha brasileira, que se apresenta como um período de tentativa de construção do país, principalmente da capital, Rio de Janeiro, em um processo de expansão e crescimento da cidade, com consequências no interior, e no caso do texto, o sertão. Riobaldo se coloca, ao retratar a história de um espaço geográfico, social e cultural, como mais um pensador sobre o Brasil ao narrar sua história pessoal e refletir através dela sobre as estruturas da sociedade em que se encontra, pinta o retrato do povo sertanejo ao falar de si próprio e de como são os costumes e formas de viver dessa população.

Através da história pessoal do jagunço Riobaldo, Rosa estabelece um retrato da sociedade sertaneja brasileira, que acaba por representar através de uma parte, o todo. Rosa mesmo, em entrevista ao alemão Günter Lorenz afirma: “Riobaldo é apenas o Brasil”. Este retrato fica mais evidente ao se analisar o choque entre os espaços sertanejos e os da cidade. Mesmo que não haja propriamente descrições e passagens em que a cidade apareça, há sempre um “flerte” do narrador com ela, seja através de relatos de personagens que lá estiveram, seja pela presença de elementos que remetam à “civilização”.

Riobaldo possui um certo fascínio pelo espaço citadino, cogita em alguns momentos a possibilidade de ir morar na cidade, tem uma simpatia declarada por personagens que remetem a ela, como o caixeiro viajante Vupes, que leva para o sertão elementos da cidade e contribuem para

que os sertanejos tenham acesso a materiais que trazem conforto e modernidade ao cotidiano do interior. O mascate não se limita a vender seus produtos no sertão, mas também ensina aos sertanejos a usar alguns de seus produtos. Exemplo disso é quando ensina a seus compradores receitas em que possam utilizar as iguarias que traz da cidade: “Assim no sertão, e ele formava conforto” (ROSA, 1956. p. 73). Vupes também comercializa outros acessórios que transmitem o ar civilizado da cidade, como objetos de limpeza pessoal, que juntamente com alimentos diferentes fazem o sertanejo se sentir mais próximo da vida da cidade.

Este conforto é prestigiado por Riobaldo também através de Diadorim, que lhe presenteia com uma capanga com acessórios para higiene pessoal, o que o narrador gosta e associa aos homens da cidade:

“De estar folgando assim, e **com cabelo de cidadão, e a cara raspada** lisa, era uma felicidadezinha que eu principiava. Desde esse dia, por animação, nunca deixei de cuidar de meu estar. O Reinaldo mesmo, no mais tempo, comprou de alguém uma outra navalha e pincel, me deu, naquela dita capanga. Às vezes, eu tinha vergonha de que me vissem com peça bordada e historienta; mas guardei aquilo com muita estima. E o Reinaldo, doutras viagens, me deu outros presentes: camisa de riscado fino, lenço e par de meia, essas coisas todas. Seja, o senhor vê: até hoje sou homem tratado. Pessoa limpa, pensa limpo. Eu acho.”! (ROSA, 1956. p. 145 – grifo nosso)

A afirmação não deixa dúvidas: a limpeza está associada ao ser “cidadão“, ou seja, de deixar de pertencer ao espaço sem ordem e lei que é o sertão. Não se pode negar que a necessidade está associada à dificuldade de definir o sertão, e é minimizada pela cidade, pois ao não se viver nela, mas lidar com seu estereótipo sua delimitação parece ser mais clara. Durante todo o texto, há uma ambivalência entre estes dois espaços, que pode demonstrar os processos históricos brasileiros, em que a expansão da cidade provoca mudanças no sertão, sejam as promovidas pelo alemão Vupes, ou pela presença do jagunço Zé Bebelo que possui uma visão muito peculiar: a de como jagunço exterminar o jaguncismo e promover o sertão a cidade, inclusive com a possibilidade de se tornar deputado: “Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas.” (ROSA, 1956. p. 131).

O projeto de modernização de Zé Bebelo é evidente, como também é evidente a pobreza e as condições precárias de vida das populações sertanejas. Riobaldo é exemplar nisso: filho bastardo do fazendeiro Selorico Mendes, antes da morte da mãe chegou a esmolar, e quando se vê órfão praticamente não possui nenhum bem. E mesmo na fazenda de seu padrinho, este somente vai tê-lo como filho quando se torna chefe de jagunços famoso. O narrador conhece na pele a pobreza do interior, e em parte, é isso o que torna a cidade atraente em alguns momentos, pois a visão que possui (e que é também estereotipada) é de que este espaço é melhor e com ordem.

Neste processo de rememoração e de comparação entre os espaços citadinos e sertanejos, Riobaldo nos mostra o quanto o segundo, apesar de periférico, é constituinte da história brasileira. Sua narrativa mostra o quanto as pessoas pertencentes a este interior possuem sua importância no cenário nacional, pois são brasileiros, antes de mais nada:

“(…) Valor de lei! [a comprovação de que o diabo não existe] Só assim, davam tranqüilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?!”

Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto se saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuvas e negócios bons...De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece viver no safado comum, ou cuida só de religião só.” (ROSA, 1956. p. 31).

Aqui, o retrato do Brasil é claro: sua explanação se inicia com a discussão a respeito da existência do diabo, mas ironicamente, passa a descrever o que é o interior do país, em sua essência, este país de “pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias”. Fica evidente sua consciência a respeito da realidade à sua volta, e do que é feito realmente o país, ou seja, das pessoas que nele vivem.

Em outro momento, relata de modo claro processos históricos ocorridos no Brasil:

Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucúia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavar pau, encontra balas cravadas. (ROSA, 1956. p. 99).

O sertão, nesta passagem, literalmente é parte do processo histórico do país, Riobaldo cita a Coluna Prestes e mostra como fisicamente o espaço sertanejo pertence e registra a história do país. A ideia de que as balas fiquem cravadas na terra é uma forma de mostrar o quanto este espaço, apesar da influência e expansão da cidade, possui sua importância na escrita e na formação do Brasil. Além disso, neste processo de perceber e indicar a relevância deste espaço, Riobaldo imagina como seria se os sertanejos pensassem em invadir as cidades, como processo reverso ao da expansão urbana:

“E de repente aqueles homens podiam ser montão, montoeira, aos milhares mís e centos milhentos, vinham se desentocando e formando, do brenhal, enchiam os caminhos todos, tomavam conta das cidades. Como é que iam saber ter poder de serem bons, com regra e conformidade, mesmo que quisessem ser? Nem achavam capacidade disso. Havia de querer usufruir depressa de todas as coisas boas que vissem, haviam de uivar e desatinar. Ah, e bebiam, seguro que bebiam as cachaças inteirinhas da Januária. E pegavam as mulheres, e puxavam para as ruas, com pouco nem se tinha mais ruas, nem roupinhas de meninos, nem casas. Era preciso de mandar tocar depressa os sinos das igrejas, urgência implorando a Deus o socorro. E adiantava? Onde é que os moradores iam achar grotas e fundões para se esconderem – Deus me diga!” (ROSA, 1956. p. 384).

A passagem é profética. Riobaldo traça o panorama do que seria a invasão sertaneja no espaço urbano. Seria o caos, a desordem e o fim da “civilidade” pregada por este espaço. Seria também a moeda de troca dos sertanejos, historicamente deixados à margem, e que somente por isso, devastariam as cidades.

## **Conclusão**

*Grande sertão: veredas* pode ser lido como um romance a respeito do Brasil, um retrato do país, com “gente de carne e sangue” e que por isso, traça o problema da migração e desagregação do tecido social nas grandes metrópoles brasileiras, problema ainda muito presente no país. Reflete sobre as condições de vida dos sertanejos que em meio à miséria procurariam solucionar suas condições de vida no espaço urbano, porém sua inserção não se dá sem a violência. A condição precária de vida, onde tudo é falta, é o maior causador dessa situação, pois mesmo que quisessem não saberiam ser “civilizados”. Além disso, o desejo de possuir tudo o que não se tem de uma única vez, os conduzem ao desespero de possuir tudo: “havia de uivar e desatinar”. É o estabelecimento do caos urbano, presente de modo maciço hoje nas maiores cidades brasileiras.

Rosa aponta acertadamente para os problemas de violência urbana que se estabeleceram cada vez mais no país. Através do antagonismo entre a cidade e o sertão (como centro e periferia, civilização e barbárie), o autor traça um dos maiores problemas do país: a falta de estrutura básica e investimentos no interior geram o desejo e a necessidade da inserção no tecido urbano. Porém esse processo gera, cada vez de modo mais acentuado, a desigualdade social, a violência, o caos urbano.

### **Referências Bibliográficas**

- BOLLE, Willi. **grandesertão.br: o romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa: Fronteiras, Margens, Passagens**. São Paulo: Ateliê Editorial e Editora SENAC, 2003.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. **Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços de ficção em João Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2001.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso. Um estudo sobre a ambigüidade no ‘Grande Sertão: Veredas’**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina. Panorama de uma Literatura do Futuro**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1973.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.
- SOETHE, Paulo Astor. **Ethos, corpo e entorno: sentido ético da conformação do espaço em ‘Der Zauberberg’ e ‘Grande sertão: veredas’**. Tese do doutoramento – Universidade de São Paulo, 1999.
- ZUBIAURRE, María Teresa. **El espacio en la novela realista**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

---

### **iAutor**

Jaqueline Koehler, Profa. Ms.  
Faculdades Santa Cruz de Curitiba.  
jaquelinekoehler@gmail.com